

O Espinheiro em Flor

© 2023 — Sarah Goldman

Tetralogia: O Sândalo e o Jasmim

livro 2

O Espinheiro em Flor

Sarah Goldman

Ditado pelo Espírito

Kabhir

Todos os direitos desta edição reservados a
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.

Rua Prof. Paulo Chaves, 276 – Vila Teixeira
Marques CEP 13485-150 — Limeira — SP

Fone: 19 3451-5440

www.edconhecimento.com.br

vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão, por escrito, do editor.

Projeto gráfico: **Sérgio Carvalho**

Ilustração da Capa: **Banco de imagens**

Ilustrações do miolo: **Sarah Goldman**

Revisão: **Gerson Ferracini**

ISBN 978-65-5727-147-6 — 1ª Edição – 2023

• Impresso no Brasil • *Presita en Brazilo*

Produzido no departamento editorial da
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA



a gráfica digital da **EDITORA DO CONHECIMENTO**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Angélica Ilacqua CRB-8 / 7057)

Kabhir (Espírito)

O Espinheiro em Flor / pelo espírito Kabhir ;
psicografado pela médium Sarah Goldman – Li-
meira, SP: Editora do Conhecimento, 2023.

272 p.

ISBN: 978-65-5727-147-6

1. Literatura espírita 2. Espiritismo - Mensagens

3. Obra psicografada I. Título II. Godman, Sarah

23-1386

CDD – 133.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura espírita

Sarah Goldman

**Tetralogia:
O Sândalo e o Jasmim
Livro 2**

O Espinheiro em Flor

Ditado pelo espírito Kabhir

1ª edição – 2023



Sumário

1. Abundância	9
2. Gaius	14
3. Augustus	17
4. Lélia.....	20
5. O paraíso.....	25
6. O pesadelo.....	29
7. A caminho.....	33
8. A filha de Nereu	38
9. Novas oportunidades.....	41
10. Os ventos de Roma	45
11. O desabafo.....	49
12. O banquete	54
13. A partida.....	59
14. A solidão como nova amiga.....	63
15. Um veneno se transforma em remédio.....	67
16. O espinheiro	70
17. A confissão	74
18. O retorno de Augustus	79
19. As núpcias	84
20. Despedida	88
21. O fio do destino	91
22. A sombra.....	96
23. Na outra Roma.....	99
24. O pacto de Rômulo.....	105
25. O bom cristão	112
26. À sombra da tamareira	118
27. A perseguição.....	121
28. A caminho da Gália.....	129
29. O compromisso.....	136
30. O ataque	141

31. A revolta	148
32. O consentimento do coração	155
33. Paz	158
34. Elucidações	162
35. Novo cenário de lutas	172
36. Um reencontro providencial	177
37. Na luta	182
38. A descoberta	187
39. A criança	195
40. Um pequeno olhar	200
41. Ildwyn	205
42. Recolhimento	209
43. Recaídas	214
44. Na floresta	221
45. A sabedoria da árvore antiga	227
46. Na tarefa de socorro	231
47. Vencendo a si mesma	238
48. A visitante	243
49. A luta íntima	248
50. A batalha das chuvas	253
51. O sacrifício	258
52. Fatídico desfecho	263
53. Os visitantes	267

Saudações, queridos leitores

A cada história vivida por estes protagonistas, nossos irmãos, mais vamos a eles nos afeiçoando. À medida que acompanhamos o esforço que cada um realiza para emancipar a alma das algemas nebulosas do “eu”, superando os velhos hábitos de sentir-pensar-agir voltados a si próprios, torcemos para que saiam vitoriosos de seus conflitos e lutas íntimas.

Observamos atentos, com a leitura, que nossa evolução não se faz em linha reta, sem percalços. Quantas vezes não caminhamos com os pés lacerados, em dolorosos círculos, rodeando os mesmos vícios e defeitos...

Nosso processo evolutivo compõe-se de muitas quedas e reerguimentos, conquistas e reincidências nos mesmos erros que há milênios nos acompanham.

O fato é que damos a essas falhas morais um abrigo contínuo em nossa alma refratária ao bem. Superá-las significa movimentar as energias da vontade, do esforço pessoal e da persistência para a transformação de valores, e a maioria de nós ainda prefere repousar sobre a cama ilusória do ócio. Muitas destas falhas estão mais que presentes em nós, grande parte das vezes apenas camufladas pelo lustro dos bons modos e escondidas pelas convenções sociais de nosso século, que nos impedem de dar vazão a elas.

No entanto, verdade seja dita, também observamos a Sabedoria e o Amor Divinos presentes na condução de nossa vida, organizando experiências e oportunidades para reajustarmos a bússola do coração na direção do Amor Universal.

É sempre muito cômodo falarmos das próprias dores, das próprias inquietações, e assim criarmos justificativas atenuantes para nossos erros. A humanidade acostumou-se a falar de si valendo-se seguidamente da cartilha da autoidulgência, acreditando com isso justificar plenamente a negligência com que cada um trata sua jornada evolutiva.

Sempre difícil, porém, foi praticarmos a mesma indulgência para as dores e quedas alheias, preferindo, em vez disso, fazer largo uso da habilidade de julgar, com precipitação, severidade e impiedade.

Mestre Jesus nos trouxe um “novo” mandamento, de amarmos ao próximo como a nós mesmos, de não fazermos a este aquilo que não desejamos para nós.

Talvez seja este nosso maior desafio: o de saber nos colocar no lugar do outro, de nos sentirmos apiedados pelos tropeços de nossos irmãos de caminhada, com a mesma consideração que desejamos para nós mesmos.

Quanto às quedas vivenciadas pelos espíritos que aqui abriram seu coração para que este livro pudesse ser escrito, não nos cabe vê-las com a severidade dos impiedosos, mas sim com benevolência e empatia. Somos todos, de certa forma, orgulhosos como Gaius, voluntariosos como Lélia e belicosos como Augustus! Se pudéssemos compreender as motivações de cada um, talvez conseguíssemos entender a nós mesmos, considerando o grau evolutivo e o âmbito histórico em que cada um se encontra.

Que Jesus abençoe a leitura destas páginas, inspirando a todos no melhor proveito das lições nelas contidas.

Recebam nosso fraterno abraço.

Paz e Bem.

Guias espirituais da obra O Sândalo e o Jasmim



1. Abundância

O período imperial foi, segundo nos contam os relatos históricos, o de maior fulgor da gema preciosa conhecida como Roma, sendo o imperador sua figura mais proeminente.

No período em que Chandan, Nalini e Nimit reencarnavam, o poder situava-se ao redor de Trajano, imperador que registrou em uma coluna marmórea de trinta metros as batalhas sangrentas por ele vencidas, marca indelével da fase que ficaria conhecida como Pax Romana^[1].

O domínio romano se estendera por fronteiras antes inimagináveis e o império ostentava imensas possessões, não só na Europa, mas também na África e na Ásia.

Segundo os dominadores romanos, as nações conquistadas estavam finalmente apaziguadas e deveriam ser gratas pela subjugação de uma nação superior. Eles acreditavam, enfim, que os diversos povos aceitariam pacificamente esse domínio, sem imaginar que as cabeças temporariamente curvadas sob o peso de suas grossas sandálias um dia se rebelariam.

A Pax Romana teria profundo impacto sobre as terras conquistadas, marcando espiritualmente os habitantes dessas paragens por muitas existências vindouras.

Para garantir a continuidade da paz nesses territórios,

[1] *Pax* (em português, 'paz') *Romana* é a denominação, em latim, de um período de relativa harmonia nos territórios conquistados e de consequente prosperidade no Império Romano.

Roma precisava se expandir, conquistar e espoliar cada vez mais. Esse descomunal crescimento pode ter sido a corda apertada que a enforcaria no Ocidente alguns séculos depois.

Eram muitas as bocas a serem alimentadas no império: não só o imperador e sua corte, os senadores e os legionários, mas também os comerciantes, o povo comum e os escravos, bem como os próprios povos conquistados. Todos tinham a necessidade básica de alimentar-se, ainda que em quantidades e gêneros diferentes. A fome iguala os seres vivos.

Todos contavam com os preciosos grãos brotados da terra e, para tanto, extraía-se o que se podia das terras conquistadas, nem sempre ali deixando o que produziam de melhor. Nessas regiões, o ressentimento contra a dominação era frequente e os exércitos estavam sempre em prontidão.

Muitos acreditavam serem privilegiados dos deuses e que, por isso, tudo lhes era permitido: conquistar, explorar, usurpar, exterminar. Esta foi uma chancela daqueles tempos e marcaria quase que a totalidade dos espíritos que então reencarnavam, permanecendo como memória ativa, ainda que inconsciente, naqueles que, ainda hoje, insistem em crer-se superiores e merecedores de eternos créditos da vida.

A compreensão deste contexto auxiliará no entendimento das virtudes que Nalini, Chandan e Nimit deveriam desenvolver na existência que usufruiriam nesse período, bem como dos embates espirituais e físicos que os aguardavam.

A espiritualidade acolhe os tempos históricos e nossa evolução gradativa, evitando impor condições impossíveis de vencer em determinado prazo ou cenário. O mal é sempre o mal e o bem é sempre o bem, mas o grau de responsabilização pelos atos é proporcional ao despertar de cada um. Nada, porém, permanece impune perante a Lei Divina.

O período em que um espírito encarna, o contexto ético, moral e social, as leis e os costumes – tudo isso, e muito mais, é sempre considerado antes de cada uma de nossas encarnações, a fim de que os cenários que melhor promovam nossa evolução se apresentem.

No âmbito em que ocorreu o retorno à carne desses três espíritos, muitas técnicas agrícolas foram aprimora-

das, conseguindo-se, ainda que de forma precária, garantir estômagos felizes, evitando assim os temidos levantes suscitados pela fome. Em Roma, pão e circo se tornaram indissociáveis e sua simultânea disponibilidade cumpriu eficazmente o papel de satisfazer os súditos que viviam na metrópole.

Era considerável, porém, a importância que se dava aos que se dedicavam à produção, moagem e distribuição de grãos, concedendo-lhes, se estrangeiros, a cidadania romana, além de *status* político especial.

Embora a agricultura e o culto aos deuses que a protegiam fossem práticas cotidianas, o comércio também era importante e Mercúrio, o deus dos comerciantes, nunca era esquecido.

Na época, crer em inúmeras deidades já era, para alguns, o princípio de um processo de retorno ao Criador, um ponto de partida para que adorassem algo além de si mesmos. Era um ensaio para a futura adoração sincera do Deus verdadeiro, de cujo amor infinito Jesus nos lembraria ao aqui estar.

Um dia, os habitantes daqueles tempos iriam se exaurir de mercadejar a piedade de ídolos de barro ou de ouro. Com o passar do tempo, se cansariam dos sacrifícios que ofereciam a estes, bem como dos regateios que faziam por temor à vingança e impiedade que a eles atribuíam.

Os romanos, em grande parte, provinham do exílio espiritual ocorrido dezenas de séculos antes da história que aqui será narrada^[2]. Orgulhosos e ambiciosos ao extremo, os exilados da Constelação do Cocheiro trouxeram como patrimônio coletivo imensos débitos, que seriam saldados a duríssimas penas. Vieram ao exílio planetário terrestre com a tarefa de trazer o progresso a todos. No entanto, desviaram-se desse alvo grosseiramente, tornando-se ávidos por conquistas e poder, apesar dos inúmeros avanços proporcionados pelas inteligências de lá oriundas.

Dentre as muitas conquistas territoriais romanas, voltamos nossos olhos a uma delas, no norte da África, mais precisamente onde hoje se situa a Argélia: a localidade chamada Timgad.

Nesse território, onde boa parte desta história se pas-

[2] A história dos povos exilados pode ser mais bem conhecida por meio do livro *A caminho da Luz*, psicografado por Francisco Cândido Xavier e de autoria do espírito Emmanuel, publicado pela Federação Espírita Brasileira (FEB).

sa, havia extensas áreas cultiváveis, além de eficientes meios de irrigação e de transporte para escoamento da produção. Metais preciosos eram extraídos por escravos trazidos das nações conquistadas, sendo tudo minuciosamente calculado para a manutenção da ordem, da obediência e da paz.

Vastas quantidades de grãos, azeitonas, vinho, tâmaras e outros bens agrícolas eram distribuídos aos que podiam pagar e, é claro, aos soldados, que também precisavam ser mantidos satisfeitos.

Da Palestina, terra em que Jesus caminhara tempos antes, só interessava aos romanos o fluxo ininterrupto de peixe seco, azeite e vinho para o império. As legiões romanas para lá marchavam sempre que fosse preciso para sufocar rebeliões, que periodicamente ameaçavam desequilibrar o império. Aos poucos, os cristãos também acabariam por tornar-se um problema a ser resolvido, já que parte da desobediência era atribuída a seu modo de vida, visto como ameaçador.

Tais relações entre esses povos da antiguidade proporcionaram significativo desenvolvimento das sociedades, que gradualmente transformaram-se em nações, muitas vezes unindo-se através do ódio comum ao domínio estrangeiro. Talvez tenha sido esta a grande tarefa espiritual desse povo desbravador e destemido, os romanos, que, embora movidos quase sempre pelo orgulho, pela violência e pela prepotência, também deixaram uma herança de aperfeiçoamentos em diferentes campos do progresso humano^[3].

A seu tempo, esses homens endurecidos que ostentavam a temida águia romana em seus estandartes, viriam a ser espezinhados pelos povos bárbaros que dominariam a Europa, vivenciando assim, mais uma vez, o duro aprendizado pela lei de ação e reação.

No período em questão, assim como naquele relatado no livro primeiro desta tetralogia – *A Flor de Lótus* –, a vida humana valia bem pouco. A infância, a vetustez e a condição da mulher eram particularmente negligenciadas, embora avanços sutis, ainda que morosos, pudessem ser percebidos. A escravidão vivia dentro dos lares dos mesmos senadores que alegavam ser liberais e defender a de-

[3] O livro *A caminho da Luz* discorre mais claramente sobre as características espirituais dos romanos, situando-os como almas que, caídas da Luz, afeiçoaram-se preferencialmente pela conquista expansionista e pelo poder.

mocracia. A corrupção nada devia aos períodos posteriores da humanidade.

As relações entre as pessoas se baseavam principalmente na necessidade de perpetuação de família, *status*, interesses pessoais, manutenção de propriedades e subsistência.

Nesse cenário ocorreu o reencontro de Nalini, Chandan e Nimit, agora como Lélia, Gaius e Augustus.

A proximidade destes três espíritos continuaria neste novo período, no qual teriam a oportunidade de criar outro vínculo entre si, pautado agora por um amor mais fraternal e menos exclusivista. Contariam para isso com almas amigas que viriam em seu auxílio.

Estes três, que de alguma forma já haviam despertado para a crença no Deus único, encarnariam propensos a se converterem ao cristianismo, podendo dar um verdadeiro testemunho de fé e caridade àqueles que lhes fariam companhia nessa encarnação.

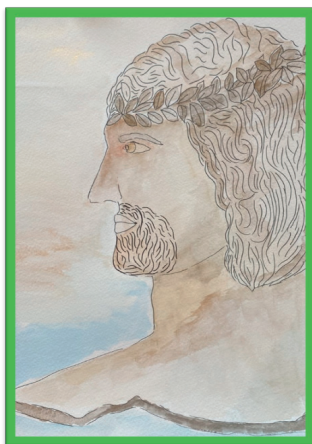
Viriam, para a prova destes três espíritos, a firme Kalanthara, agora como Prisca, e o generoso Udes, como Linus. Pavit, depois de ter sido Esahu, agora auxiliaria o grupo como Artemus. Janaka reencarnaria como Maximus, senador amigo de Gaius.

Harit, que fora noivo de Kalanthara na Ásia, reencarnaria como Clódia, amiga fiel e conciliadora, mostrando que experiências reencarnatórias como homem e como mulher são necessárias a todos, em um ou mais momentos da trajetória universal, conforme as qualidades que precisam ser retrabalhadas.

Raavil, após haver sido Dalbir, não disporia de condições de encarar uma prova redentora, permanecendo ainda nas sombras, observando os movimentos de seus antigos contemporâneos, embora não menos amparado, inclusive por Kabhir.

Rahela nasceria como Astarte, na condição de escrava que seria acolhida na casa de Gaius.

Kabhir e Kanti permaneceriam ainda no mundo espiritual, após expressivas experiências no seio da África.



2. Gaius

O período do Imperador Trajano representou para Roma uma época de prosperidade e expansão espetaculares. Tudo parecia resumir-se em “vir, ver e vencer”, como supostamente teria dito Júlio Cesar quase um século e meio antes.

Finalmente se fortalecia novamente o império após a passagem de alguns imperadores inaptos, inconsequentes ou até mesmo vistos, na época ou depois, como loucos. A politicagem, o favoritismo e a traição entre famílias poderosas eram eventos corriqueiros. O poder e o dinheiro, como nos dias de hoje, ditavam regras de conduta, mesmo após a passagem do Cordeiro de Deus sobre a Terra.

A presente encarnação em terras romanas seria uma dura prova para Chandan, que logo após seu desencarne como Jamaludin, passara por breve período de reeducação de sentimentos, sendo reconduzido ao corpo físico como um abastado, porém pouco feliz, cidadão romano.

Lembre-mos de que, como Jamaludin, este espírito assediara a esposa daquele que fora seu benfeitor em terras asiáticas. Sem remorso algum, fugiu com ela na calada da noite, acarretando profundos prejuízos ao reino abandonado.

O marido traído, que agora renasceria como seu filho Augustus, adoeceu em decorrência da traição sofrida, descuidando do reino sob sua responsabilidade e possibilitando assim invasões catastróficas. Muitos milhares padece-

ram nessas guerras.

Antes de seu nascimento, Gaius comprometera-se a jamais subtrair aquilo que não lhe pertencia, além de reajustar seus sentimentos em relação ao filho e a seu grande amor, que agora seria sua nora.

Muitos dos espíritos que foram prejudicados com sua fuga séculos antes renasceriam agora próximos a ele, a fim de poderem, de forma equilibrada, também reajustar seus sentimentos.

Gaius era o único membro vivo de uma prestigiada e riquíssima família romana cujos homens sempre ocuparam posições importantes junto ao governo. Em sua maioria, esses antepassados dedicaram-se ao comércio, às finanças e a aquisições de propriedades por todo o império.

A família de Gaius, de tão poderosa, chegara mesmo a doar somas vultosas ao império e aos senadores, que lhe garantiriam em contrapartida a exploração exclusiva de novas terras.

Gaius casou-se aos dezoito anos com Fúlvia, mulher de família tradicional, mais por imposição do próprio pai do que por algum afeto por ela.

Ela lhe deu um filho chamado Augustus, morrendo semanas depois por complicações decorrentes do parto, fato este corriqueiro naqueles tempos. Uma ama e um preceptor vieram então incumbir-se do menino, que passou a viver na casa dos avós maternos sob o olhar cuidadoso do avô Titus e do tio Lucius. Ambos eram respeitados militares romanos que haviam feito pequena fortuna após a invasão da Britânia^[4].

Gaius não fora um marido presente, visto que estava prestes a partir para a África quando a esposa lhe disse que esperava um filho. Fúlvia teve que lidar sozinha com uma gravidez repleta de percalços, contando apenas com suas escravas e um médico amigo da família, visto que ela vivia em uma mansão afastada de Roma. Faleceu antes mesmo de poder apresentar o filho a Gaius, que só retornou quando o menino tinha quase três anos.

Gaius, além de rico comerciante e influente no governo, era um homem culto e extremamente perspicaz. De porte atlético e equilibrado, era mais alto que a maioria dos romanos e relativamente esguio, devido a seus hábitos

[4] Britânia é como os romanos denominavam a região que hoje constitui o centro-sul da Grã-Bretanha.

alimentares mais saudáveis, exceto pelo exagero no vinho. A vida na província o fortalecera, transformando-o rapidamente em um homem forte e bem proporcionado. Era um dos poucos a exibir barba e usar sua túnica à moda grega. A maioria o via apenas como extravagante e maliciosamente sedutor.

Tinha olhos azuis muito penetrantes e nariz tipicamente romano, compondo um rosto bastante atraente às mulheres do período. Os cabelos, anelados e de marcante loiro avermelhado, o faziam parecer uma estátua viva do deus Marte.

Depois de viúvo, não manifestou desejo de ter outra esposa, muito menos de se recolher a alguma de suas mansões nos arredores de Roma e criar uma família. A ideia de viver apenas comendo, bebendo e procriando o insatisfazia. A vida de intrigas e fartura dos senadores o revoltava. No âmbito particular, e somente para seu bom amigo Maximus, costumava referir-se aos membros do senado como águias obesas de asas cortadas.

Desejava viajar, conhecer novas paragens, interagir com novas culturas e, acima de tudo, adquirir terras e riquezas, aumentando assim uma fortuna já imensa.

Mulheres não lhe faltavam, pois onde quer que fosse, seja pela aparência invulgar ou pela fortuna e poder que possuía, as companhias femininas lhe eram muitas.

Assim que soube da morte de Fúlvia, encaminhou valioso dote aos familiares da esposa, que imediatamente deixaram de questionar sua ausência.

Desde cedo, o avô e tio passaram a incutir no menino a ideia da glória nos campos de batalha. Augustus, porém, já muito mais redimido pela doença que lhe corroera o fígado em vidas passadas, mostrava-se bastante diferente do que havia sido quando nascera como Arjun. A raiva fora substituída por energia para a luta; a revolta, pelo desejo de conquistar e superar seus próprios limites.

Gaius e seu filho Augustus – ou seja, Chandan e Nimit – dispunham de alguns anos para se prepararem às provas que se apresentariam, unidos agora por amor filial, cujo propósito era sanar em definitivo toda nódoa que houvesse restado do passado.



3. Augustus

Augustus era a reencarnação de Nimit-Arjun e, por misericórdia divina, renasceria filho de um grande desafeto de vidas passadas, agora encarnado como Gaius.

Sentimentos confusos pautariam a relação que se desenvolveria entre ambos, inimigos milenares que na presente existência teriam o mesmo sangue em suas veias: o orgulhoso sangue romano.

Augustus trazia as feições da família materna, sendo um jovem de estatura mediana, corpo volumoso como o de um soldado, cabelos espessos e escuros e os mesmos olhos da mãe.

Tendo vivido com os avós desde as primeiras semanas de vida, aprenderia ali a empolgar-se com o campo de batalha e a vida militar. Tal oportunidade fora planejada cautelosamente pela espiritualidade, visando aplacar – e por fim exaurir em seu coração – a belicosidade que ainda restava em seu orgulhoso espírito. Aprenderia assim o valor da vida regrada e da lealdade, criando poderosos vínculos de fraternidade junto de seus companheiros de campos de batalha.

Aos quinze anos já teria condições de entrar em alguma legião, pois fora bem treinado, a pedido do avô, no uso de armas, nas táticas de batalha e na montaria. Seu nome e a riqueza da família seriam também fundamentais para que conseguisse privilégios na vida militar.

Ouvia maravilhado o avô relatar sobre os feitos das

antigas legiões, sobre as batalhas romanas e a história do glorioso império em que vivia – narrativas que remontavam até os tempos de Rômulo.

A organização e solidariedade entre os militares causavam-lhe admiração desde pequeno, fazendo-o almejar, mais que tudo, fazer parte desse grupo de homens destemidos e unidos. Como Nimit, ele não criara vínculo algum com seus soldados e até mesmo negligenciara a vida da maioria deles, levando-os muitas vezes a arriscarem-se desnecessariamente. Decerto essa propensão viria a ser radicalmente transformada nesta singular oportunidade de renascimento.

Costumava se emocionar ao saber sobre os feitos da IV Legião Macedônica, criada por Júlio Cesar quase cento e cinquenta anos antes. Os símbolos daquela temida legião – ora o Touro, ora o signo de Capricórnio – dialogavam com a belicosidade que ele trazia dentro de si e que seria quase totalmente expurgada nesta existência através da atuação nos campos de batalha.

Seu avô, que só conhecera a vida militar, incentivava-o, afirmando à esposa Servília que o exército romano precisava de mais cidadãos legítimos, em vez de tantos mercenários cuja lealdade duvidosa era prestada unicamente aos generais e ao dinheiro, mas não ao império.

Augustus conheceu seu pai aos três anos de idade, quando este retornou da Numídia para breve temporada em Roma. Nessa visita, este supervisionaria as grandes propriedades e plantações de sua abastada família, além de visitar os estimados amigos Maximus, senador, e Domicius, que vivia com a esposa e a filhinha na Gália.

Vendo o jovem tão ligado aos avós, optou por deixá-lo junto deles, visitando-o poucas vezes nesse período e partindo meses depois para nova empreitada em terras africanas, onde a extração de ouro e prata para o império faria aumentar novamente suas riquezas e poder pessoais, além, é claro, de continuar recheando os bolsos dos já bem ricos senadores.

Augustus cresceu forte e voluntarioso, vivendo próximo de militares e políticos, todos amigos da família. Pouco se interessava por qualquer outra coisa que não tivesse relação com batalhas. Tal como o pai, falava, além do latim, ao menos mais dois idiomas, o que lhe seria de grande utilidade em suas futuras campanhas.

Tinha dezesseis anos quando o avô morreu. Partiu então para a África, mais especificamente a Timgad, cidade que se erguia majestosa pela vontade e glória de Trajano. Bibliotecas, mansões, mercados, banhos públicos, templos – nada ali deixava a desejar para um jovem cidadão romano, embora a cidade ainda estivesse em plena edificação.

A viagem não lhe foi nada maçante, visto que passou grande tempo junto aos companheiros que serviriam na legião designada para a África. Futuramente, esses soldados teriam direito a uma propriedade em Timgad, providencial oásis que, em sua plenitude, poderia acolher quase quinze mil moradores.

O reencontro com o pai foi bastante afetuoso e, com o tempo, passaram a desenvolver uma respeitosa e feliz amizade.

O trabalho dos espíritos de planos superiores na realocação de nossos sentimentos aos lugares certos é admirável. De inimigos, podemos fazer amigos, bastando para tanto nossa boa vontade e disposição para o perdão. Nem sempre tal processo traz resultados imediatos, ou em uma única existência, mas, quando as sementes são lançadas e o terreno já está fértil, relações complicadíssimas podem ser atenuadas. Era este o caso de Augustus e Gaius, que fortaleceram laços antes de ambos entrarem em contato com Lélia.



4. Lélia

Pouco tempo após o nascimento de Augustus, nascia na Gália, distante de Roma, Lélia. Filha única de Domicius e Justa, casal de romanos abastados que haviam escolhido a região, como lar. Eram produtores e comerciantes de vinho, sendo sua produção quase que totalmente voltada às nobres famílias patrícias da capital do império.

Domicius era dono de terras férteis, que também produziam grãos em abundância. Possuía inclusive, como herança da família de Justa, uma moenda de grande capacidade, que auxiliava significativamente no abastecimento de algumas cidades quando havia escassez de cereais vindos do Egito.

Moravam em uma aprazível propriedade, que fora levantada às pressas pelo pai de Justa para que a filha pudesse dar à luz a Lélia já em sua própria morada.

A mansão, embora bastante vistosa, apresentava diversos problemas estruturais, que os servos, porém, prontamente corrigiam sem chegarem a importunar os patrões com indagações. Uma rachadura aqui, um vazamento acolá: tudo era rapidamente remendado.

Durante a construção, arquitetos romanos haviam determinado as etapas da edificação e mestres de obras gregos comandavam escravos gauleses, hispânicos e germânicos, que pouco entendiam as ordens em latim e muito menos em grego. Trabalhavam dia e noite, um tanto quanto perdidos na execução da problemática obra. Era de es-